REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS
ISSN: 2237-6585

ANDRADE, Tonio. *The Last Embassy: The Dutch Mission of 1795 and the Forgotten History of Western Encounters with China.* 1ª ed. Princeton, Princeton University Press, 2021.

RESENHA DE LIVRO

MATHEUS MAZURKIEVICZ SEKIKAWA[1]

Em um cruzamento entre a História da China e das investidas coloniais europeias no Leste Asiático, em especial da Companhia Holandesa das Índias Orientais, os trabalhos de Tonio Andrade têm tratado dos encontros entre hemisférios e em argumentar o que há de global na gênese do período Moderno. O seu livro mais recente, *The Last Embassy: The Dutch Mission of 1795 and the Forgotten History of Western Encounters with China*, lançado em 2021, é mais um produto daquele esforço. Enquanto *The Gunpowder Age: China, Military Innovation, and the Rise of the West in World History* (2017) é ambicioso em escopo, tratando de um milênio, entre 900 e 1900, de desenvolvimentos da pólvora na China e na Europa, *The Last Embassy* aproxima-se, de acordo com o próprio autor, da micro-história. A narração minuciosa da embaixada holandesa de 1795 à corte imperial Qīng (1644-1912) a fim de parabenizar o imperador Qiánlóng *乾隆* por seus 60 anos de governo lembra marcos importantes do gênero como "O Retorno de Martin Guerre" e "O Queijo e os Vermes". As inserções autorais de Andrade demonstram, para além do estilo, propostas de contestação do estado da arte das relações entre o Ocidente e a China. Assim, os 20 capítulos seguem a narrativa da viagem com seções explicitamente historiográficas reservadas à introdução e conclusão.

O livro critica uma certa leitura da história chinesa que reafirma o Império Qīng como estagnado, fechado e ignorante. Um dos pontos de origem localizáveis deste mito é a embaixada britânica de Macartney em 1793 – tida como um grande fracasso pelos

[1] Graduado Bacharel em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da UFPR; Membro do GEAFRAS (Grupo de Estudos Africanos e Asiáticos)

ingleses por capricho e arrogância dos chineses. Estes juízos negativos foram imortalizados pelos relatos dos seus participantes, em especial John Barrow, que escreveu o sucesso de vendas *Travels in China*, publicado em 1805. Contudo, uma das teses do livro de Andrade, é que a embaixada holandesa de 1795 é tão significativa quanto aquela para compreender as relações entre a China e o mundo.

Mobilizada por Everardus van Braam Houckgeest, chefe da feitoria da Companhia Holandesa em Cantão/*Guǎngzhōu* 广州, e encabeçada por Isaac Titsingh, membro da Companhia que se encontrava em Batávia, a embaixada holandesa, acompanhada pelo jovem Chrétien-Louis-Joseph de Guignes, filho do orientalista Joseph de Guignes, deixou vestígios em relatos legados por estes, e ainda por nativos na língua chinesa e em documentos coreanos. A jornada de Cantão à Pequim/*Běijīng* 北京 foi tortuosa, apressada pela exigência do Imperador para que chegassem para as comemorações de Ano Novo em 21 de Janeiro de 1795, um trajeto que os castigou com a neve e chuva, acomodações, transportes e instruções inadequadas. O período na corte foi majestoso, por conta das festas, banquetes e performances das quais os embaixadores gostaram em maior ou menor grau, e das visitas aos jardins, palácios e a própria residência imperial no complexo de Yuánmíng Yuán. Mas também restritivo, visto que não gozaram das mesmas liberdades que suas contrapartes. O retorno para Cantão foi mais ameno. Com o trajeto fluvial, os estrangeiros visitaram com calma templos, vilas e cidades como *Hángzhōu* 杭州, tornada famosa para os ocidentais por Marco Polo e Du Halde. Tanto na ida quanto na volta, eles presenciaram paisagens e realidades chinesas restritas aos estrangeiros – acesso a esta porção interior da China só seria permitido pela violência da guerra e pelos tratados de paz, já na segunda metade do século XIX.

Quando a narrativa torna-se uma coleção de anedotas urdidas em uma narrativa coerente, Andrade passa longe do antiquarismo, lançando teses autênticas. Vale destacar alguns exemplos. Ao narrar o trajeto ao norte, na Planície Norte da China, a embaixada observa carroças terrestres à vela[2]. Andrade abre um parênteses para comentar esta anedota. Este era uma peça de "exotismo chinês" conhecido na Europa e na Holanda e inspirou uma réplica muito querida pelo Príncipe de Orange, que levava embaixadores

[2] ANDRADE, Tonio. *The Last Embassy: The Dutch Mission of 1795 and the Forgotten History of Western Encounters with China.* 1ª ed. Princeton, Princeton University Press, 2021, p.113-114

estrangeiros para passeios na praia com o veículo. Van Braam acha um deleite da paisagem, enquanto Guignes as considera ridículas e demonstram uma deficiência chinesa na compreensão de física mecânica. Além de demonstrar os laços de intimidade entre as invenções ocidentais e modelos inspirados por chineses, dos quais Andrade localiza mais algumas[3], também traz as vozes individuais dos holandeses, uma característica marcante do texto, e a emissão de opiniões variadas sobre a China, seu governo e seus habitantes, em que as personalidades de cada um ficam impressas no texto. Outro, refere-se a uma fabricação do século XIX sobre o suposto tratamento ultrajante que os holandeses sofreram. Andrade deixa claro que os holandeses odiavam Wang Shiji 王仕基, o oficial encarregado pela viagem, por considerá-lo corrupto e indolente. São comuns os registros em *The Last Embassy* das reclamações holandesas no que toca o modo de transporte, a falta de pompa, por um lado, e incompetência logística de outro. Uma vez em *Běijīng*, a maior parte da embaixada ficou confinada ao alojamento, com exceção de Van Braam e Titsingh que eram mais requisitados pelo imperador. A tentativa de Guignes comunicar-se com missionários católicos na corte de Qiánlóng foi frustrada pelos oficiais da capital. Estas situações, tornadas públicas pelos relatos de viagem dos holandeses, foram distorcidas posteriormente por Barrow e tornadas o tom da embaixada, avaliada por este inglês como um fracasso. A sensibilidade deste foi especialmente afetada pela realização do *kowtow*, ritual em que ajoelha-se nove vezes à pessoa do imperador, recusada pela embaixada de Macartney, que considerou a prática como um sinal de sujeição em um momento que a diplomacia europeia voltava-se para a soberania e igualdade dos Estados. Enquanto credita ao caráter chinês a falta de respeito com os holandeses, Barrow exagera e distorce os acontecimentos e as boas experiências que eles tiveram na corte – em especial os privilégios cedidos pelo imperador. Andrade postula que, uma vez em *Běijīng, os holandeses ficaram isolados porque Wang Shiji e seu patrono Heshen* 和珅 *temiam que a corte soubesse das condições da viagem – inclusive da destruição dos relógios rebuscados que foram destruídos no caminho, presentes ao imperador, e fizeram o máximo para que estas informações não circulassem. Uma intriga entre os protegidos na província e seus patronos políticos na capital, antes de uma disposição natural dos chineses contra estrangeiros, é a razão dos eventuais maltratos.*

[3] Destaco os rituais de colheita realizados pelo imperador chinês emulados por soberanos europeus. *Ibid.*, p.252

A leitura de Barrow, e dos ingleses no geral, das relações do Império Qing com os Ocidentais teria influenciado a historiografia posterior[4]*, em especial John King Fairbank, sinologista basilar dos estudos americanos sobre China. Andrade contrapõe-se justamente a este importante sinólogo e ao seu modelo de "sistema de tributos chinês". Para Fairbank, uma certa tradição chinesa do tratamento de bárbaros que remonta a períodos pré-imperiais, ou seja, antes da Dinastia* Qín *(221-206 a.C.) informou todas as dinastias chinesas e encontrou seu fim gradual durante o século XIX e as agressões das potências ocidentais. Este envolvia a posição mediadora do Imperador, portador do Mandato Celeste, entre a humanidade e seres invisíveis, por meio de rituais que trariam harmonia à vida social – elementos que constituem a cosmologia chinesa. O movimento centrípeto das populações que circundam o Reino do Meio, chamados de bárbaros (Yí 夷), seria a consequência natural de um imperador benevolente capaz de cultivar a civilização chinesa. Enquanto um governante universal, o Filho do Céu estenderia os frutos desta civilização em troca da submissão das populações incultas por meio do tributo, que era performada por uma série de ritos que estabeleciam relações hierarquizadas que exigiam uma embaixada para a corte com presentes nativos. Enquanto o Imperador se beneficiava de um reconhecimento de sua legitimidade enquanto mandante universal, Fairbank destaca que não havia um grande benefício pecuniário para a corte, visto que os presentes eram antes simbólicos e a norma era que a recíproca chinesa fosse ainda mais valiosa. Mas para os governantes que mandavam embaixadas, havia um significativo interesse econômico no comércio, que seria realizado com uma série de privilégios mediante submissão. Havia, segundo o sinologista, um descompasso entre a importância moral do tributo para os chineses e a sua importância material para os bárbaros que seria a razão do colapso do "sistema de tributos" no século XIX*[5]*. Fairbank assim propõe uma "ordem mundial chinesa", que seria "um conceito unificado apenas do lado chinês e somente no nível normativo, enquanto um padrão ideal"*[6]*. Para os críticos de Fairbank, o "sistema de tributos" seria um modelo*

[4] Andrade argumenta este ponto em *Ibid*, p.300

[5]FAIRBANK, John King; Teng, Ssu-yü. On The Ch'ing Tributary System. *Harvard Journal of Asiatic Studies*, 1941, Vol. 6, No. 2, pp. 135-246; FAIRBANK, John King. Tributary Trade and China's Relations with the West. *The Far Eastern Quarterly*, 1942, Vol. 1, nº 2, pp.129-149

[6] No original: "(..) the Chinese world order was a unified concept only at the Chinese end and only on the normative level, as an ideal pattern". FAIRBANK, John King. A Preliminary Framework. In:_____(ed.) *The Chinese World Order: Traditional China's Foreign Relations*. Cambridge: Harvard University Press, 1968, p.12.

problemático por seu caráter trans-histórico, pela série de dualismos que definem esta relação, e um culturalismo sinocêntrico que evoca um exclusivismo e, necessariamente, uma desigualdade em termos de uma diplomacia que deixou os chineses em uma posição de desvantagem frente as potências ocidentais[7].

Andrade posiciona-se dentro desta corrente crítica e contribui a partir do caso holandês de 1795. Os holandeses com a sua ampla experiência no Leste Asiático tinham como princípio a adaptabilidade em conformar-se aos rituais de cortes. Isto fizeram por meio da Companhia Holandesa das Índias Orientais para a corte de Edo no Japão, em embaixadas para a China Qīng antes dos 1700s e no aniversário de Qiánlóng, tendo realizado *kowtow* em todas estas instâncias, assim como emularam práticas nativas nos seus governos coloniais no Sudeste Asiático[8]. Cumprir com as expectativas chinesas, portanto, envolvia antes da discussão de tratados e termos de comércio um cultivar de relações – uma embaixada puramente cerimonial[9]. O historiador credita aos holandeses uma flexibilidade em entender que os símbolos e rituais chineses. Se os colocava em uma posição hierárquica inferior, não significava uma perda de prestígio, mas antes um sinal de respeito dos holandeses à uma ordem cósmica a qual buscavam inserir-se por razões estratégicas. A primeira metade do século XIX observou na Europa uma codificação de princípios e práticas diplomáticas a serem universalizadas. Destas, os britânicos estavam na vanguarda de sua imposição[10]. A embaixada de 1795, além de apontar para um modelo alternativo das relações sino-ocidentais, na visão de Andrade, demonstra a importância de cultivar relações antes do cumprimento de objetivos específicos na diplomacia do Leste Asiático, o que não compreende uma leitura inocente de que relações diplomáticas não eram instrumentalizadas para fins outros fins como legitimação política e abertura comercial.

[7] Os argumentos encontram-se sintetizados em: HEVIA, James. L. Tribute, Asymmetry, and Imperial Formations Rethinking Relations of Power in East Asia. *The Journal of American-East Asian Relations*, 2009, Vol. 16, nº 12, pp. 69-83

[8] ANDRADE, Tonio. *The Last Embassy: The Dutch Mission of 1795 and the Forgotten History of Western Encounters with China.* 1ª ed. Princeton, Princeton University Press, 2021, pp.5-6

[9] Andrade aponta como o termo "embaixada cerimonial" aparece na documentação oficial entre a embaixada (Titsingh e Van Braam) e os seus superiores. Ibid, pp.395-396

[10] Ibid, p.304

O autor postula que uma "diplomacia fática", emprestando o termo "fático" de Malinowski[11], que compreenderia a criação de um clima social entre nações, era o modelo ideal de relações entre nações no Leste Asiático – ainda que uma série de práticas que iam além deste modelo existissem historicamente:

> "O ponto é que a diplomacia no Leste Asiático, em sua forma ideal, valorizava o fático. Embaixadas eram meios, acima de qualquer coisa, para ligar os Estados do mundo juntos em um tipo de comunidade. Isto é porque as relações eram usualmente descritas em termos familiares, com a China enquanto pai ou irmão mais velho e outras nações como filhos ou irmãos mais novos. A diplomacia era uma expressão da propriedade ritual confucionista em um nível internacional. Todos estavam ligados em comunhão, uma grande família sob o Céu."[12]

Se a categoria "Leste Asiático" apresenta relações de proximidade com tentativas recentes de regionalização nos moldes da União Europeia que incomoda setores da historiografia, em especial coreana e japonesa, por seu efeito aglutinador[13], Andrade aponta para valores compartilhados que merecem futuras investigações e que, ao mesmo tempo, não parecem fugir da tese de Fairbank do "sistema de tributos" e seu elemento transhistórico. Durante a Dinastia Táng (618-906), por exemplo, é possível rastrear a difusão de instituições de "relações internacionais" e valores políticos chineses para a Península Coreana, o Arquipélago Japonês e na formação do reino de Nanzhao no sudoeste do território do império[14]. Isto implica uma tradição milenar para lidar com relações entre vizinhos. E se organizada de modo hierárquico, aspecto imortalizado pela recusa do *kowtow* pela embaixada Macartney, demonstrava um aspecto da comum cosmologia chinesa, visto que o próprio Imperador realizava a cerimônia de ajoelhar-se

[11] Malinowski nota uma série de frases fáticas cujo único sentido é estabelecer contato e lubrificar relações sociais, por exemplo, "Bom dia, como está?", "Que tempo bom, né?". Andrade inspira-se no conceito para designar o tipo de diplomacia do Leste Asiático durante o período. Ibid, p.306

[12] No original: "The point is that East Asian diplomacy, in its ideal form, fore-grounded the phatic. Embassies were mean, above all, to bind the states of the world together into a sort of community. This is why the relationships were often described in familial terms, with China as father or elder brother and other nations as children or younger siblings. Diplomacy was an expression of Confucian ritual propriety on the international level. All are bound together in communion, one great family under heaven." *Ibid*, p.306

[13] PARK, Hye Jeong. East Asian Odyssey towards One Region: The Problem of East Asia as a Historiographical Category. *History Compass*, 2014, V.12, nº 12, pp.889

[14] ZHENPING, Wang. *Ambassadors from the Islands of Immortals*. Honolulu: University of Hawai'I Press, 2005; _____. *Tang China in Multi-Polar Asia: A History of Diplomacy and War*. Honolulu: University of Hawai'I Press, 2005

para o Céu e seus ancestrais[15], que não era destrutiva de outras cosmologias, ainda passíveis de serem incorporadas pelos chineses[16].

Andrade, por fim, critica o foco no tipo de metalinguagem das ciências sociais usadas para analisar situações como o caso da embaixada de 1795 ao perder a experiência vivida, a gratificação em compartilhar, que torna-se signos de outra coisa – a embaixada deve ser inserida em uma leitura específica e uma lógica do cálculo frio e do ganho material. Isto reflete a avaliação da embaixada como um fracasso, visto que não produziu resultados: com a derrocada holandesa frente a invasão francesa no mesmo ano, a comunidade estrangeira na China passou a ser cada vez mais caracterizada pela anglofonia, com os holandeses perdendo espaço[17]. Em um cálculo racional e balanço de resultados, a embaixada foi fracassada. Porém, Andrade aponta que o propósito da embaixada era fático – parabenizar o Imperador Qiánlóng – como mostram as próprias fontes primárias e, portanto, cumpriu seu papel. Afirmar o sucesso em 1795 seria, portanto, opor-se àquela primeira leitura britânica, e também historiográfica, viciada da "civilização" e "tradição" chinesa na dinastia Qīng.

[15] FAIRBANK, John K. *Trade and Diplomacy on the China Coast*. Cambridge: Harvard University Press, 1953, p.29
[16]HEVIA, James. L. Tribute, Asymmetry, and Imperial Formations Rethinking Relations of Power in East Asia. *The Journal of American-East Asian Relations*, 2009, Vol. 16, nº 12, pp.82-83
[17]DOWNS, Jacques M. *The Golden Ghetto: The American Commercial Community at Canton and the Shaping of American China Policy, 1784-1844*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2014